



3 1761 07048356 5

PQ

9261

B65C54





Handwritten text, possibly a signature or name, written in cursive script. The text is faint and difficult to decipher, but appears to include the words "Handwritten" and "of" followed by a name that is partially obscured.

OS CONFIDENTES

ALBERTO BRAGA

OS
CONFIDENTES

1887

TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO

31 Rua do Marechal Saldanha 33

LISBOA

PQ

9261

B65C54



OS CONFIDENTES

Bernardo de Souza festejava o primeiro anniversario do seu casamento. Tinha convidado a jantar o seu amigo predilecto e confidente. Helena convidára a sua amiga intima, companheira de quarto, durante trez annos, no convento das Salezias. N'esse dia tomaram o café na sala do jantar, junto do fogão.

Sobre a meza, coberta com uma toalha adamascada de linho, cujas pontas roçavam no tapete escuro da sala,

ficára ainda a desordem dos ultimos pratos servidos. O resto d'um *pudding* de gelatina estremecia de leve com scintillações de topazio. Das ramilheteiras esguias de cristal lavrado exhalava-se o aroma suave das violetas. Uma garrafa de champagne, a um lado, ostentava o rotulo prateado, em que se lia a firma de *Veuve Clicot*. Depois, sobre uns pequeninos pratos de porcellana, com monogramma ao centro, cruzavam-se os talheres de cabos de madreperola, nos quaes a luz do candieiro de bronze, suspenso do tecto, punha cambiantes de opala.

Helena sentára-se junto do fogão, com a cabeça reclinada no espaldar estofado da cadeira; e o seu vestido côr de perola, que lhe desenhava as ondulações suaves do seio, descia-lhe em pequenas pregas, deixando apparecer, em baixo, os seus sapatinhos de pellica, poisados sobre o *fender*.

Defronte de Helena estava Thereza, loira, alegre e buliçosa. Trazia um ves-

tido de *faille* azul claro, com um ramo de violetas pregado por um lagarto de oiro com olhos de rubis sobre o lado esquerdo do corpete. Thereza falava com Bernardo, que estava atraz, debruçado sobre a espaldar da cadeira; e, quando erguia a cabeça, voltando-a com um pequeno esforço, o seu pescoço branco e cheio avultava n'uma doce curva tentadora. Fixava depois os olhos em Helena, brincando com os aros de prata que trazia enfiados no braço esquerdo, soltos e telintantes, todos lapidados, imitando incrustações de pequenos brilhantes que scintillavam. Sentado junto de Helena, Jorge da Silveira falava baixo, um pouco inclinado para a frente, com os joelhos ligeiramente affastados, os pés juntos, e a gravata branca sobre o peito lustroso da camisa, no meio do qual se destacava uma grande torqueza. Na lapella da casaca desabrochava uma gardenia. Segurava na mão esquerda o pires; e, com a chavena suspensa entre o index

e o polegar, sorvia o café a pequeninos goles. No dedo minimo um pouco levantado faiscava o brilhante d'um largo anel d'ouro fosco.

O escudeiro entrou na sala trazendo um castiçal n'uma das mãos e uma caixa de charutos dentro d'uma salva, na outra.

Bernardo de Souza, depois de acender o seu charuto, principiou:

— É verdade, ó Helena, tu ainda não mostraste ao Jorge a prenda que te dei.

— É verdade! — exclamou Helena. — Eu vou buscar.

— Vou eu — disse Thereza.

Ergueram-se ambas e sahiram.

Jorge estava de pé; e, com o charuto apertado nos dentes, repuxando o collarinho alto, á ingleza, disse a Bernardo:

— Tambem eu trago uma prenda para tua mulher.

— Sim? Bravo! — exclamou Bernardo — E para mim, ingrato?

— Para ti — respondeu Jorge lenta-

mente — para ti, depois dos protestos da minha amisade, a declaração franca do meu odio!

— Explica-te, homem — disse Bernardo, deixando-se cahir no *fauteuil*, e cruzando o tornozello direito sobre o joelho esquerdo.

— Fazes de mim um perjuro! Obrigas-me a odiar o celibato, o meu adoravel celibato, com o espectaculo da tua felicidade! Jurei nunca fazer holocausto do meu pobre coração no altar do deus do amor, e...

— E não juraste em falso, pagão.

— Pois?!...

— Não incluiste no teu juramento o altar das deusas!

Helena e Thereza voltaram.

Helena entregou a Jorge uma caixa de velludo encarnado forrada de setim preto, dentro da qual havia uma pulseira de ferro, larga, lisa, com este nome em letras d'oiro: *Nelli*.

Jorge da Silveira examinou a pulseira e restituiu-a, gabando-a muito.

— Não é muito original, sr. Silveira? perguntava Thereza. — Eu acho-a um apetite.

— Ó Bernardo — disse Helena — olha que a Thereza trouxe também uma prenda para ti.

— Oh! minha boa amiga — exclamou Bernardo, beijando as mãos de Thereza.

— E eu — disse Jorge do lado — uma prenda para V. Ex.^a

Bernardo abraçou o amigo:

— Obrigado, Jorge.

Thereza entregou então a Bernardo uma caixa de setim, que elle recebeu nas mãos ambas, curvando-se respeitoso.

Jorge ao ver a prenda de Thereza nas mãos do amigo, olhou desconfiado, e disse:

— Querem vêr. . .

E sahindo da sala, voltou pouco depois e entregou a Helena uma caixa de tartaruga com um *H* d'ouro cravado na tampa.

Bernardo, erguendo a caixa, exclamou:
— Aposto, prima Thereza, que adivinho o que esta caixa contem.

Thereza, batendo para a testa as farripas caracolladas, cerrou um pouco os olhos, e respondeu:

— Talvez não adivinhe, primo Bernardo.

— Que te parece, Jorge?

— Eu sei. . . — disse elle, encolhendo os hombros.

Bernardo então lançou esta phrase:

— *Bons-bons* do Pucci.

— Não — disse Thereza victoriosa.

Bernardo meditou um instante, espremendo nos dedos o labio inferior:

— Luvas.

— Não.

— Um. . . um leque.

— Ora, um leque! — exclamou Thereza, a rir.

— Não?! — perguntou Bernardo, olhando-a espantado. — Então, deixe vê. . . Um *plastron*! Uns suspensorios! Uma casaca! Um chapéu alto!

Thereza respondeu, rindo ás gargalhadas:

— Não, não e não! Escusa de se matar, que não adivinha.

Quando Bernardo ia a abrir a caixa, Thereza correu para elle, collocou a mão sobre a tampa, e disse-lhe supplicante:

— Não abra deante da Helena.

Jorge pediu tambem:

— Sr.^a D. Helena, não abra deante do Bernardo.

Helena e Bernardo olharam-se espantados.

— Isto é original, prima — disse elle — Então V. Ex.^a e o Jorge conspiram lá fóra contra nós?!

— Protesto — gritou Jorge — Eu ignoro completamente o que a tua caixa contém.

— O mesmo que me acontece a mim, a respeito da caixa de Helena — accrescentou Thereza.

— Bem. N'esse caso — propoz Bernardo — separemo-nos. A prima e a

Helena sobem para a sala, o Jorge e eu ficamos aqui. E' uma especie de capitulação! Seja.

Logo que ficaram sós, Bernardo aproximou-se da meza, e disse com solemnidade:

— Ora vamos a vêr o que será.

Jorge, com os dedos fincados na borda da meza, observava ao lado de Bernardo; e, apenas a caixa se abriu, soltou um ah! de surpresa. A caixa continha um maço de cartas atadas por uma fita de seda azul. Bernardo desdeu cuidadosamente o laço, colheu a primeira carta, e leu:

Quinta da Ribeira, 20 de julho.

Minha Thereza.

— Alto! — gritou Jorge — São cartas de tua mulher para Thereza. Agora, podes dizer á Helena que entre, e que mostre a prenda que lhe dei.

Bernardo chamou o criado, e ordenou-lhe que chamasse as senhoras.

Helena e Thereza appareceram logo.
— Já sabemos o que é — disse Jorge.
— Queira V. Ex.^a mostrar ao Bernardo o que a minha caixa contém.

Helena collocou-a sobre a meza, abriu-a, retirou a primeira carta, e leu alto:

Quinta da Lapa, 20 de julho.

Jorge.

Desataram todos a rir...

— Dir-se-ia que houve combinação — observou Thereza.

Bernardo propoz que as cartas fossem lidas em commum na sala.

Jorge offereceu o braço á mulher do amigo, Bernardo a Thereza, e subiram todos quatro para o primeiro andar.

Ao chegarem á sala, encaminharam-se para um pequeno sofá, que ficava n'um angulo, por traz da meza. Era uma mesa redonda, coberta com uma colcha antiga, de estofa pesado, com bordados de matiz e oiro. No centro

um alto candieiro de Menton derramava uma luz abundante e clara, suavizada por um largo *abat-jour* de renda. As paredes da sala eram forradas de papel aveludado côr de granada. Havia, ao lado, um contadôr de pao santo torneado com incrustações de metal reluzente; e um antigo espelho oval, com o vidro um pouco embaciado, pendia da parede n'uma rica moldura doirada. Uma aguarella de Casa Nova representava a paisagem do Ribatejo, onde um campino a cavallo, de pampilho ao hombro, se destacava no fundo secco e arido d'uma longa charneca, sob um ceo muito azul com nuvens brancas dispersas no alto. Do tecto pendia um lustre de bronze florentino suspenso de uma cadeia doirada; e ao fundo, por entre os cortinados de setim côr de palha, apanhados por grossos cordões com borlas que vinham tocar no tapete, ficava o fogão de talha antiga, feito com os restos de um altar que Bernardo comprára no Minho.

Sobre esse fogão via-se um relógio de bronze, estylo Luiz xv, representando a figura de um Amôr malicioso, que se erguia sobre o mostradôr, n'uma attitude ironica e risonha.

Sentaram-se todos quatro em torno da meza, ficando Jorge da Silveira voltado para o Amôr do relógio, cujo sorriso, n'aquelle momento, parecia mais malicioso.

Bernardo tirou a primeira carta e leu alto:

Quinta da Ribeira, 20 de julho.

Querida Helena!

Chegámos hontem á noite ao nosso castello feudal da Ribeira. Chamo-lhe assim, para me dar uns ares pretenciosos e românticos de castellã. Tu imaginas d'ahi que a nossa casa é realmente um velho castello, meio desmantellado, erguido no alto d'um monte, com ponte levadiça e sentinella vigilante? Pensas que pelas fendas da torre denegrida ha riços de verdura, onde, na primavera, veem as andorinhas pendurar os ninhos, e no eirado do castello ha um mastro, no qual uma larga

bandeira heraldica se desfralda aos quatro ventos do mundo?! Não, minha querida Thereza; não ha torre, nem ponte levadiça, nem castello, em cuja janella ogival o rosto gentil da castellã reclusa apparece pallido e triste, banhado pela luz meiga e melancholica do luar! Nada d'isso. Deixemos nos romances de Walter Scott as encantadoras paisagens da Escocia.

A nossa casa fica distante uma legoa da estação do caminho de ferro. Quando o comboio chegou era já ao cair da noite. Eu e o papá fomos os unicos passageiros que se apearam. Veio receber-nos á *gare* o chefe, homem cortez e muito obsequiador, que tem uma filha muito bonita. Tem os olhos muito pretos, d'um preto aveludado e profundo... Nunca vi uns olhos assim, Thereza! Parece que teem um vasto horisonte, e que o nosso olhar se mergulha n'elles como n'um grande lago de luz tranquillo. Mas o que a faz mais attrahente é saber que já

não tem mãe, e é ella, com os seus 15 annos, que faz tudo em casa, que olha pelo pae e por dois irmãos pequeninos! Da estação até nossa casa parte uma larga estrada, orlada de eucalyptus. Antes de chegar, atravessa-se uma ponte velha de pedra, á entrada da qual ha um chorão antigo e um nicho d'almas. Por baixo do arco da ponte arrastam-se serenamente ás aguas do rio, oñde, todas as tardes, se vê passar um bando de patos, grasnando. A nossa casa fica dentro d'um pateo laggado. Umascadas de pedra com patim de balaustres sobem até ao primeiro andar. Entra-se n'uma sala ampla, alta, de tecto lavrado, e em cujas paredes estão alguns retratos a oleo dos antepassados da minha familia. O tempo tem-se encarregado de apagar a maior parte; mas ainda se vê bem o retrato de meu avô, vestido de capitão-mór, com um sorriso malicioso de quem gastou o seu tempo e a sua graça em madrigaes pelos salões da provincia e

pelas grades dos conventos. D'entre os retratos de varias senhoras, com vestidos de grande roda e corpete longo, sobresahe o retrato de uma freira benta, de habito de burel, o rosto de uma pallidez de pergaminho, o olhar amortecido, e o veio branco terminando em bico sobre a testa larga! Quando eu era pequena, e vinha de Lisboa passar aqui o verão, aquelles retratos faziam-me medo; e eu atravessava esta sala a correr, com os olhos fechados, com receio de que todos aquelles figurões saltassem das suas molduras e viessem atraz de mim! Hoje, francamente, a um certo sentimento de respeito que elles me inspiram, não posso deixar de juntar um sorriso, quando os vejo! Ainda assim, finjo-me tomada de uma religiosa veneração, quando os examino ao lado da tia Dorothea e do padre-capellão. O padre-capellão, esse, sempre que m'os mostra, apontando-os com a bengalla de castão de prata, exclama com solemnidade:

— Veneraveis reliquias d'uma familia nobre!

Imagina tu se, com esta pompa, eu os não hei de contemplar com orgulho e respeito!

Ao lado d'esta sala fica a bibliotheca, com suas estantes que forram as paredes até ao tecto, e uma larga meza de pau preto com pernas torneadas, sobre a qual se arrasta a *Nação*. Excusò de te dizer que nunca li, nem lerei, nenhum d'estes livros. Faze idéa que um dia, por curiosidade, retirei um da estante e abri-o. Puf! Que cheiro a bolor e a velhice! Tentei ler; mas não comprehendia nada. Logo na primeira pagina lembro-me que dizia a'ssim: *D. Affonſſo se retiuou*. . . E isto em grandes lettras muito feias! Nunca mais! Depul-o no seu logar, com todo o respeito por aquelle veneravel ancião *D. Affonso*, que não sei quem é.

Da bibliotheca passa-se pela sala do jantar para os aposentos do papá, e, junto aos aposentos do papá, ficam os

meus. Da outra banda da casa mora a tia Dorothea e o padre-capellão.

Esta carta vae longa, meu amor. Prometti descrever-te a minha casa, para te ires resignando á terrivel clausura que te espera. Á maneira que te fôr escrevendo, fallarei do resto. E a paisagem, Thereza! Ah! que delicioso panorama! Anda a gente enfasiada de ouvir todos os *touristes* a gabarem a paisagem maravilhosa da Suissa. Vem tu vêr o que é esta formosa provincia, e verás que te não ficam saudades do *Righi-Kulm!*

Estou anciosa pela tua carta. Vou acabar esta, para que o criado que a leva ao correio me traga noticias tuas.

Um beijo da tua

Helena.

P. S. Acaba de chegar o papá com um convidado para o jantar. Avistei-o da janella. Advinhas quem é? É o Bernardo de Souza. Vou ajanotar-me para o receber.

Outro beijo da tua

H.

Minha Thereza.

Nunca senti tanto a tua ausencia como hontem. Uma rapariga, como eu, está sempre mal, quando se vê sózinha a discutir com dois homens, um dos quaes tem a franqueza extremosa de um pae, e outro a delicadeza ceremoniosa de uma visita.

Durante o jantar, apenas Bernardo de Souza lançava uma idéa extravagante, que eu tentava combater, acudia o papá do seu lado, em parte para lhe ser agradavel, e tambem para me ouvir discutir. O seu muito amor obs-

curece-o a ponto de se tornar vaidoso deante das minhas qualidades! Deleita-o o ouvir-me falar; e, no seu juizo — ia jurar-o! — não ha no mundo intelligencia que se compare á da sua Helena. Por isso, imagina tu, meu amor, a minha posição! O papá atacava os meus argumentos com a dupla superioridade da sua intelligencia e da sua ascendencia! Era cruel! Á falta de razões, chamava-me creança — és uma creança — dizia elle; e fazia-o de modo que a sua manifesta vontade era desdobrar deante de mim a sua certidão de idade! Depois, sorria glorioso; mas mais contente da minha victoria do que do triumpho proprio.

Bernardo de Souza, esse, minha querida, com toda a finura d'um elegante, intelligente, argucioso, era mais de temer! Como antepunha a cortezia á temeridade, collocava-me n'uma posição que me irritava. Ás vezes, então, de repente, benevolo e delicado, oppunha-me um argumento que me embarra-

çava. O papá, vendo-me derrotada e arrelliada, batia palmas, ria ás gargalhadas, querendo assim, com os applausos ao meu adversario, estimular-me os brios e alentar-me de novo á lucta!

Faltavas-me tu! Ah! Thereza, eu desafio d'aqui os mais intelligentes argumentadores do mundo para se baterem com duas raparigas! É preciso confessarmos o nosso predominio, Thereza. Talvez os homens pensem melhor, talvez; mas nós pensamos mais rapidamente. Estou convencida d'isto. E quantas vezes o tenho sentido ao ler um livro, que levou annos e annos de longa meditação, e cujas idéas, afinal, eu tantas vezes tenho tido, sem grande trabalho de intelligencia!

Bravo! acabo de ler as ultimas linhas d'esta carta. Já agora deixo-a ir assim, com toda esta pretenciosa philosophia, que eu de ha muito estava morta por prégar, fosse a quem fosse!

Coube-te a ti a triste sorte de a ou-

vir. Perdôa-me a séca e chora a minha desgraça!

Falemos dos acontecimentos, que é melhor e mais divertido.

Logo que mandei para o correio a tua carta, fiz a minha *toilette* ligeira para o jantar, e fui ter com o papá á bibliotheca. Ao entrar na sala, o Bernardo de Souza estava no desvão da janella, encostado no peitoril, a conversar com a tia Dorothea e com o padre-capellão. Com o padre-capellão, é uma maneira de dizer! Anda este pobre velho tão absorvido nas suas contemplanções espirituaes, que me parece ás vezes um somnambulo em extasis divinos. Fala pouco; e, ás vezes, não diz palavra. Se concorda, limita-se a acenar affirmativamente a cabeça, fechando os olhos; se discorda — o que é raro! — encolhe os hombros e... nada! Nem um pio! Tenho-lhe ouvido meia duzia de palavras, desde que o conheço; e apenas o vejo eloquente, então, digo-te mais, eloquente, arrebatado, como

Bonaparte falando ao seu exercito no Egypto — quando me aponta os retratos, exclamando invariavelmente:

— Veneraveis reliquias d'uma familia nobre!

O Bernardo de Souza, apenas eu appareci á porta, correu para mim, felicitando-me da minha chegada. Depois, sem nunca esquecer as pragmaticas, uniu os pés, e, de cabeça baixa, continuou:

— Perdoe-me V. Ex.^a este traje, improprio d'uma visita.

— Ó sr. Bernardo de Souza, por quem é! . . .

— Seu papá teve a bondade de instar commigo a que viesse hoje a sua casa. Era grande o desejo de a ver, como suppõe; mas queria fazel-o de modo . . .

Atalhei logo:

— Não lhe desculpo a falta de etiqueta, sr. Bernardo de Souza. O que dirá o Gremio, sabendo que V. Ex.^a atravessou no meio d'estes trigaes sem

casaca e sem luva *gris-perle*! E Jesus! que calamidade!

Bernardo de Souza vestia um fato de flanela branca, que lhe ficava bem. No fim do jantar, fomos tomar café para o terraço. Ali voltou de novo a discussão. Ainda agora me lembro que ainda te não disse qual era o assumpto. Que cabeça a minha! O Bernardo de Souza detesta o campo; eu, em parte por convicção, e em parte por espirito de o contradizer, adoro a aldeia! D'aqui, imagina o resto! Emfim, elle, para rematar, disse isto:

— Minha senhora, eu acho que o campo será muito bom para bois; ora eu, graças a Deus, não sou boi!

O papá desatou ás gargalhadas, a tia Dorothea ficou pasmada deante d'aquella heresia, e até o padre-cappellão, que cabeceava, todo repimpado n'uma cadeira de vime, arregalou os olhos, ergueu as mãos, e exclamou:

— Ah! Virgilio! Virgilio!...

A tia Dorothea voltou-se logo e emendou:

— Como Virgilio! O sr. padre Joaquim está a sonhar! Este senhor chama-se Bernardo de Souza.

Depois lá estiveram os dois a caturrar, explicando o padre a sua exclamação.

A tia ficou satisfeita, e o capellão triumphante.

Ainda hei de saber quem é o tal Virgilio! Tu sabes, Thereza?

O Bernardo esteve connosco até ás onze horas. A tia Dorothea assistiu á conversa até á hora do chá; o capellão dormitava; e o papá dizia apenas alguma coisa, quando percebia que a conversa ia enfraquecendo.

Eu nunca tinha estado tanto tempo a conversar com o Bernardo. Conhecia-o dos bailes de Lisboa, das noites de S. Carlos; mas eram tão ligeiras as impressões que me ficaram d'esses encontros rapidos, que, francamente, não podia fazer um juizo completo do seu cara-

cter e da sua intelligencia. É o que nos acontece a todas. A convivencia com muitos homens não nos dá tempo a que observemos um detidamente. N'um baile, durante uma quadrilha, no descanço d'uma valsa, trocam-se apenas banalidades que não caracterisam. Póde distinguir-se algum, por ser mais elegante, por valsar melhor, por dizer com certo ar as frioleiras que os outros dizem banalmente:

Depois, quando acontece encontrar-se uma rapariga só com um d'esses homens, cuidando que o conhece muito bem, percebe que o não conhece nada. Não achas, Thereza?

Sentado ao nosso lado, com os pés unidos, a *claque* sobre os joelhos, correcto, gentil, amavel, um homem, n'um baile, não é justamente o mesmo, quando se nos dirige com um simples *veston* de flanela. O aspecto do campo não permite dissimulações; pelo contrario, impõe uma certa franqueza, que os salões não exigem. Ah! o traje da aldeia

é a transicção lenta da casaca para o roupão caseiro!

Queres saber uma coisa? Não me desagradou o Bernardo. Achei-o um pouco caturra, talvez até pretencioso; mas perdôo-lh'o esse defeito, porque o que elle queria era mostrar a sua intelligencia. Mas ha uma coisa que eu lhe não tolero: é a barba! Desde que chegou, deixou crescer a barba, e então tem agora um ar d'homem serio que eu detesto. Eu não posso com a barba, e então uma barba selvagem, pello aqui, pello alli... Ui! que horror!

Tenho fallado tanto de mim! Dize-me o que fazes. Tens saudades da tua Helena?

A mim o que me vale são as tuas cartas, e estes quartos d'hora em que te escrevo.

Não sejas cruel, nem preguiçosa. Põe os olhos em mim: quero uma carta muito comprida, de cinco folhas de papel, rabiscadas de todos os lados, senão...

Tua, *Helena*.

*Quinta da Lapa, quarta feira, á meia
noite.*

Meu caro Jorge:

Aqui estou exilado, ha oito dias, morto de tédio, e sem ter tido um momento de bom humor para te escrever. A vida da aldeia faz-me vegetal. Para que diabo me mandou o May Figueira tratar estas febres insignificantes com o ar do campo?! Póde curar-me das febres; mas vae matar-me com certeza de aborrecimento! E sabes tu que mais? Tenho immensas saudades de Lisboa, do nosso bom *whist* da meia noite, no

terraço do Gremio, dos sorvetes do Martinho e das ceiatas do Augusto. Recordas-te da ultima noite que subimos juntos o Chiado? O que eu berrei contra Lisboa! Como cheguei até a faltar ao respeito á memoria do A. Herculano, por ter chamado a Lisboa — *rainha do Oceano*, nome, que, afinal de contas, é já de si uma injuria, porque parece o de uma barcaça de banhos do Tejo. Eu pedia a Deus todo o fogo ou toda a agua para arrazarem de vez a cidade; e, nas minhas indignações, deveria parecer o propheta irado, clamando, voltado para o céo, contra as impurezas de Sodoma!

Pois, meu Jorge, depois de tanta ira, de tanto odio, de tanta imprecação, sabes o que me acontece? Adoro Lisboa. Parece-te uma brincadeira; mas a verdade é que morro por Lisboa! Está-me succedendo o mesmo que acontecia a madame de Conti, aquella formosa madame de Conti, que era casada com um velho feio, revelho, feroz e ciumento.

Uma vez que monsieur de Conti teve de ausentar-se, no momento de partir, recommendou á mulher:

— Vou estar fóra alguns dias, minha senhora. . .

— Muito bem. . .

— Veja agora—continuou elle—se, na minha ausencia, se lembra de. . . me ser infiel.

Madame de Conti fez-se rubra de vergonha, e replicou altiva:

— Vá descançado, senhor. Só tenho vontade de o ser, quando o vejo ao meu lado.

E eu, só tenho vontade de injuriar Lisboa, quando lá estou; de longe, é este amor que vês! . . .

A minha quinta fica situada na encosta d'uma montanha. Das janellas da casa gosa-se uma vista soberba. É uma paisagem encantadora, toda cheia de verdura, de animação pittoresca, de casaes a alvejarem ao sol, de bois a pastarem sobre a relva, de passaros que cantam, de arroios que murmuram. . .

Emfim, todo esse horror campestre, que os poetas fingem admirar! Eu confesso que detesto isto. De dia, como só me levanto ás 11 horas, bem passo eu, ora lendo os jornaes, ora pescando; depois do jantar, á tardinha, dou um grande passeio a cavallo... A proposito, o meu *Sultão* está famoso, e re-commenda-se.

Quando chega a noite, é que são ellas! A unica pessoa com quem converso é o meu velho cazeiro, um pobre homem que já era creado d'esta casa no tempo de meu avô. Esta reliquia archeologica conta-me historias dos francezes, quando estiveram em Portugal, historias verdadeiras, que parecem phantasticas, entremeiadas de historias phantasticas de almas do outro mundo que parecem verdadeiras. Imagina tu a conversa com um leitor da Historia da Invasão e dos contos da Anna Rachdliffe!

Vê tu se te dispões a vir até aqui. Traze-me um raio de civilização. O

supplicio supportado por dois deve ser menos penoso.

Adeus, meu caro Jorge. Tem piedade d'este anachoreta, e manda-me duas garrafas de cognac Henessy e um frasco d'agua de tilia, do Godefroy.

Teu affectuoso amigo

Bernardo.

Sexta feira, ás 2 horas da noite.

Continúo esta carta, depois do intervallo de dois dias. A aldeia mudou um pouco d'aspecto. Já aqui se vê gente christã. Acabo de chegar de casa do Henrique de Meirelles, que vem passar algumas semanas com a filha ao seu solar da Ribeira. Elle encontrou-me hontem na estrada, quando eu recolhia á Lapa, e obrigou-me a ir jantar comsigo. Quiz ir fazer uma *toilette* um pouco mais cuidada; mas elle não o permittiu, dizendo-me que me não recebia em sua casa, se eu

fizesse cerimonia. Era uma tyrannia, mas não havia meio de lhe fugir.

— Você até fica mais bonito com este fato de flanela branca—dizia-me elle, puxando-me pelo braço.

No caminho, ainda pude colher d'um vallado uma rosa muito fresca, que espetei na lapella.

—Permitte-me pelo menos este luxo, amigo Meirelles?

O Meirelles levou a sua longanimidade até ao extremo de permittir aquelle adorno.

Na Ribeira encontrei a filha, a tia Dorothea, e um padre Joaquim, velho capellão da casa.

Declaro-te, Jorge, que passei muito agradavelmente o dia. O Meirelles é um amphytrião classico; a D. Dorothea, com os seus caracoés brancos sob a touca de renda preta, o seu vestido escuro e as suas mitennes pretas, tinha o aspecto sympathico e bondoso d'uma tia adoravel de romance inglez. O capellão é um sacerdote minhoto, sem ter as mãos

delicadas do *abbé Gelon*, mas sem cheirar á charrua como o padre *Brice*.

Resta-me, agora, falar-te um pouco da Helena. Nunca tinha reparado bem n'esta rapariga. Ou porque nos bailes a reunião de muitas meninas nos não permitta fazer um juizo seguro de cada uma, de modo que, no dia seguinte, apenas nos resta uma impressão muita vaga e passageira; ou porque, realmente, a etiqueta da sociedade obrigue a uma certa descripção, que até certo ponto occulta as verdadeiras qualidades das pessoas:—o certo é que da Helena de Meirelles não tinha nunca formado uma idéa precisa. Agora, porém, mudo de opinião. Tratada de perto, durante algumas horas, pareceu-me uma excellente rapariga. É galante e instruida, sem pregar estopadas de *blas-bleu*. Conhece que é intelligente, e, por isso, é muita senhora do seu nariz e da sua opinião.

Palavra d'honra, Jorge, achei-a sympathica. Isto não quer dizer que esteja

apaixonado; mas, francamente, a sua convivencia é muito agradável. E depois tem uma qualidade que eu adoro: é teimosa como o diabo!

Não se desfaz d'uma idéa ao primeiro argumento. Discute, insiste, teima até ao fim. Deliciosa! Queres que te diga tudo: é um anjo, que lê e medita bons auctores.

Quando sahi da Ribeira, e me vi sósinho por aquellas azinhagas tristes da aldeia, fui pensando n'ella. Entrei em casa, recolhi-me ao meu quarto, e estive até de madrugada sem poder dormir, meditando na solidão da minha vida. O diabo da rapariga!

Olha que isto que te digo não é para suppores que estou namorado. Longe d'isso, Jorge. A verdade é esta: agradou-me a *flirtation*, e nada mais, graças a Deus!

Sabes que faço já 30 annos em outubro! Trinta annos! Que horror! Como a velhice cruel se aproxima de mim, pintando-me de branco alguns cabellos...

Mas, deixemos estes pensamentos lugubres. Conta-me o que se faz por Lisboa. Se fôres a Cintra, lembra-me aos amigos, e ama lá muito por ti e por mim. Depois vê se tens a misericórdia de adoecer também, e de vires fazer-me companhia. Passaremos as noites a cavaquear, passearemos a cavallo, iremos á caça, e, uma vez por outra, se te não desagradar, iremos fazer a partida ao Meirelles. Agrada-te o programma? Pode ser alterado, como os dos espectáculos do Colyseu, se as circumstancias o exigirem...

Adeus, Jorge. Estou a ouvir cantar uma cotovia; e, por isso, retiro-me d'esta carta tão saudoso, como Romeu se retirava da varanda de Julietta.

Perdôa a massada e o estylo; e não te esqueças do meu *cognac* e da tilia.

Teu

Bernardo.

Minha Thereza.

Entou zangadissima com a Aline! Suppõe tu que, na vespera de eu sair de Lisboa, ella me prometteu que, d'ahi a dois dias, me mandaria para aqui a minha amazona e o meu chapeo! Pois até hoje ainda cá não chegou nada! Vê tu, meu amor, se vaes lá, e lhe dizes que estou furiosa. Tem paciencia, Thereza, sim?

A tua carta, que hontem recebi, até me fez rir. A tua amizade é que te faz ver as coisas assim. Então, só porque o Bernardo de Souza janta connosco, e fica a passar a noite, isso é motivo para me suppores *flirtada* por elle? Que

idéa, Thereza! Bem vês tu que, n'esta triste aldeia, um acontecimento d'estes, é caso para chronica. Em Lisboa seria a coisa mais natural do mundo, e que eu nem sequer me lembraria de te contar; mas aqui, sem mais distracções, a sua visita deu assumpto para a carta que te escrevi. Não te assustes, que, por ora, ainda não *anda moiro na costa*. O homem que eu escolher para marido talvez esteja ainda por nascer. Dos que tenho conhecido até hoje, nem um só me inspirou o desejo de me fazer sua esposa.

Agora, confesso, acho o Bernardo inteligente e sympathico, e mais nada. Nem tu calculas o que hontem ri com elle! No fim da tarde fui passeiar com a tia Dorothéa, com o papá e com o padre Joaquim. No caminho encontramos o Bernardo que vinha a cavallo. Apeiou-se logo, mandou o cavallo para casa e acompanhou-nos. Demos uma grande volta pela aldeia, que elle diz detestar do fundo do coração. Creio-o

bem; porque nada o interessa da vida do campo, e ignora completamente tudo o que aqui o cerca. Podéra! Está costumado a viver só na séca das ruas de Lisboa! Comecei então a examinal-o nos seus conhecimentos de lavrador. Oh! Thereza, que ignorancia! — Como se chama esta planta? — perguntava-lhe eu. Que arvore é esta? Tudo aquillo para elle existia sem nome! No fim, achei-lhe immensa graça, quando me declarou que os seus conhecimentos de botanica se resumiam n'isto: todas as plantas, que sobem um pouco acima da terra, são *hervas*; as que sobem muito, são *arvores*. Arvores e hervas e mais nada! Gostei da franqueza; mas lamentei a inutilidade! Estes rapazes, tirando-os do jogo, dos cavallo e talvez da leitura d'algum romance, que tenha tido exito pelo escandalo, não sabem mais nada.

Depois do passeio, veio elle para nossa casa, e passou commosco a noite, no terraço. Pouco conversou commigo,

porque o papá principiou a fallar de politica, e tu sabes que é um genero de conversa que abomino. Que me importa a mim saber o que fez o Fontes ou o Braamcamp? Nunca me achei com geitos de ser a madame de Roland do meu paiz. Por algumas phrases que ouvi, também me pareceu que não era aquelle o assumpto que mais prende o Bernardo; porque o papá, que é um politicão, é quem fez as despesas da conversa.

Houve um momento em que de todo lhes não prestei attenção. Quasi involuntariamente, deixei-me cahir n'uma especie de doce *reverie*, contemplando o ceu muito estrellado, e ouvindo cantar os rouxinoes... Que bonita noite de verão, Thereza! Lembraram-me aquelles versos de Victor Hugo, que liamos juntas em Cintra, ha tres annos:

*Hier, la nuit d'été qui nous pretait ses voiles
Était digne de toi, tant elle avait d'étoiles,
Tant son calme était pur...*

Como deve ser perfeita a alma d'um poeta, que assim se inspira nos segredos d'uma formosa noite d'estio! Tive vontade de conhecer V. Hugo, e de o beijar com ternura...

Que tolice a minha! Guarda bem para ti esta confidencia; porque eu morria de vergonha, se alguém me tomasse por um piegas sentimental. O mundo é demasiado egoista para consentir que uma rapariga o esqueça e o abandone, deixando-se enlevar, por um instante, na exaltação d'um sentimento qualquer. Quando muito, permite-se-nos que a alma se absorva no mysticismo da religião, mas chamam-nos *beatas*; agora, se o espirito se deixa arrebatado para um mundo de idéas abstractas, então somos logo classificadas de *romanticas ridiculas* e de *sentimentaes pretenciosas*. A civilização material do seculo exige que vivamos de sensações. Devemos ver, devemos ouvir e falar, ainda que sejamos cegas, surdas e mudas d'alma e coração. A

preocupação constante dos sentidos domina-nos o sentimento. Dizem-nos que é isto o que deve constituir a felicidade, e que estas idéas são as da verdadeira philosophia. Foi isto, pouco mais ou menos, o que eu ha dias li n'uma *Revue*, que o papá assigna.

Declaro-te que não concordo; porque tenho visto, em todos os tempos, que a força impulsora que tem levado o homem á realisação das suas grandes obras, é sempre a exaltação d'um sentimento.

Oh! minha querida Thereza, é preciso que sejas muito boa, para me aturares estas caturrices, que eu tenho ás vezes de *bas-bleu*. São superiores á minha vontade. Acontece-me como ás creanças imprudentes, que abrem uma torneira: depois de a desandar, não tenho força para estancar o jacto!

Depois d'amanhã, devo ir á romaria que se faz perto da nossa casa, n'uma ermida situada no cimo d'um monte. São exigencias da tia e do padre Joa-

quim, 'que vae cantar a missa. Se tu cá estivesses, Thereza!...

Adeus com muita saudade.

Tua

Helena.

P. S.

Abro esta carta para te dizer que me chegou agora mesmo d'ahi a minha amazona e o meu chapeo! O chapeo é um apetite!

Tua

H.

Jorge:

Então appareces-me litterato á ultima hora?!

Eu não gosto de ler cartas, em que faltam idéas e um certo cuidado de redacção: cartas sem grammatica, só a constitucional ou as que servem para o *baccarat*. Mas embirro solemnemente com cartas em que se faz estylo e ha pretensão litteraria. A tua, meu caro Jorge, era das ultimas.

«O ermo triste da tua aldeia transformou-se com a presença da Helena, como a cabana humilde de Philemon e Baucis com a hospitalidade de Jupiter!»

Ora, bolas, amigo!

Permitte-me que te diga que isto é ridiculo entre amigos, devendo tu pensar que eu não tenho a honra de conhecer o tal Philemon, nem de contar a tal seductora Baucis no numero das minhas namoradas. Emquanto me não apresentares a um e a outro, abstem-te de me falares d'elles, que é o mesmo que me falasses grego!

Escreve-me cartas longas, cheias de novidades, cheias de intrigas e de escandalos, occorridos entre Santa Apollonia e a Ponte d'Algés. D'ahi para fóra, não quero saber o que vae pelo mundo. Percebes?

Apreciei immenso o que me contaste dos tres dias que estiveste em Cintra; mas não creio muito que a Francisca Tavares acceite a côrte ao tal addido de Hespanha. Que elle lh'a faça, sim; porque Cintra tem a virtude de apaixonar os estrangeiros. O corpo diplomatico, apenas entra o Ramalhão, principia logo a pedir agua fresca da Sa-

buga e um coração ardente... A primeira é tão facil de fornecer, como um burro para ir á Pena; o segundo tem mais que se lhe diga!... Emfim, *vederemo!* A união iberica é o ideal de muitos politicos da nossa terra!

Eu logo vi que não resistias ao jogo! Tambem que diabo ha de um homem fazer, a certas horas, na semsaboria bucolica do pateo do Victor, senão jogar? Ainda assim, dou-te os parabens, por teres ficado sem vintem. Dizia o Marquez de Niza a meu pae que a commoção mais agradavel que se tem ao jogo, não se ganhando, é perder, e perder tudo! Ficar no mesmo dinheiro, é a mais cruel das calamidades. Se tiveres, depois d'esse desastre dos duzentos mil réis, necessidade de recorrer ao monte-pio, lembra-te antes de mim; porque estas terras ainda hão de dar para salvar um amigo.

A respeito da minha vida aqui, pouco te posso dizer. Os dias succedem-se sempre eguaes. As manhãs sem-

sabores, com um sol de rachar, não deixam a gente pôr pé fóra de casa. Só ao cahir da tarde é que saio um pouco no *Sultão*.

Á noite, vou até á Ribeira fazer o *whist* de perna de pau com o Meirelles e o padre-capellão. A Helena, verdade seja, está cada vez mais encantadora. A vida tranquillã e o ar puro do campo dão-lhe uma alegria communicativa que encanta. N'outro dia, de manhã, passei tres horas deliciosas, conversando com ella e a tia, no terraço. O Meirelles teve a feliz idéa de estar fóra com o capellão. A Helena estava sentada n'uma cadeira de vime, entretida a bordar um grande lenço que ha de servir para um *écran*. Nunca em Cintra, nem nas Caldas, nem em Cascaes, passei tão agradavelmente o tempo. Falámos de ti, e ella disse-me que te achava *sympathico*. Vê lá se te envaideces, e se te apresentas para pretendente! Na minha opinião não encontravas melhor esposa, digo-t'ó eu. Ella estava vestida com uma *ma-*

tinée côm de rosa, guarnecida de rendas brancas. Quando se debruçava sobre o bordado, deixava vêr o pescoço d'uma brancura de jaspe, e uns pequeninos cabellos loiros que se caracollavam ligeiramente por detraz das orelhas! Não imaginas que belleza! Fez-me lembrar logo a tentação d'aquelle pobre rapaz do *Lys dans la vallée*, que não resistiu a beijar, n'um baile, a nuca de M.^{me} *Mortsauf*. As suas mãos delicadas provocavam a que as cobrissem de beijos carinhosos! Afóra essas qualidades, que são sempre as primeiras que nos atraem, tem outras de mais valor, e que são a garantia d'uma excellente companheira da vida. Adora o pae com uma extremosa dedicação, gosta immenso da tia, e é d'uma grande bondade para o padre Joaquim.

Aconteceu-me, porém, pela primeira vez na minha vida, um caso extraordinario! Quando eu estava muito interessado a perguntar-lhe como se bordava, e a utilidade do que elle estava

fazendo, a tia Dorothea disse do lado que eu mostrava geitos de vir a ser um bom marido! E esta?!... A Helena emmudeceu, e baixou-se sobre o lenço; e eu, que disponho d'um arsenal de paradoxos para estes ataques á queima-roupa, declaro-te que embasbaquei! Principiei a gaguejar como um collegial, e até creio que córei! Isto é forte; mas affirmo-te a verdade: — córei!

Só passado o momento de hesitação, é que perguntei á tia, se tinha alguma inimiga a que quizesse infligir o castigo de a desposar commigo.

— Inimiga? — disse ella.

— Então acha que tenho as qualidades para fazer a felicidade d'alguem?

— Creio que sim — respondeu D. Dorothea.

Blagueei um pouco, e disse que a pessoa que me amasse devia ser tão bondosa que aos seus olhos os meus defeitos parecessem qualidades.

Helena ergueu então a cabeça e disse:
— Jesus! Está a fazer um exame de

consciencia, ou é uma maneira insidiosa de provocar os elogios das pessoas que o escutam?

— Não, minha senhora. Isto é apenas a confissão d'um peccador convicto.

— Pois então, faça o acto de contricção, que eu, á falta do padre Joaquim, absolvo-o — respondeu ella a rir, olhando para mim.

Meu caro Jorge, mais duas manhãs assim, e declaro-te francamente que não resisto ao sagrado matrimonio. Todas as minhas aspirações de morrer solteiro e sem familia, se abalam deante d'estas scenas.

Tratarei de lhe fugir, asseguro-te. E só se de todo em todo não poder, é que me resignarei ao sagrado laço, como um indio fatalista que se deita á sombra da mancenilheira para procurar resignadamente o descanso da morte!

Amanhã tenho de ir d'aqui quatro leguas, ver uma propriedade minha. Que grande séca! Eu que gostava de estar tranquillo e socegado na minha Lapa!

Só voltarei alta noite, porque de dia é impossível andar ao sol por estas estradas fóra! . . .

Dá o desconto que achares preciso a estas minhas exaltações, e lembra-te que não hei de conversar eternamente com o meu caseiro!

Tu não te arrancas de Lisboa, e eu não tenho pachorra de me mexer d'aqui, depois da estopadissima viagem que fiz de dezeseite horas, em comboio e em carruagem!

Não faças tambem castellos no ar; que, por ora, aindo aqui tens inabalavel e firme o teu co-celibatario e amigo, que te agradece o *cognac* e a tilia.

Teu

Bernardo.

Thereza:

O não ter respondido ha mais tempo ás tuas cartas, não o lances á minha incuria, nem ao meu esquecimento... O motivo nem o sei, nem procuro investigar-o.

Depois da ultima carta que te escrevi, não se tem passado um só dia, em que me não sinta doente. De quê? Nem eu sei dizer-t'o; porque não sei se a medicina chama doença a esta desigualdade de humor por que passa o meu espirito, no mesmo dia, ás vezes com o intervallo apenas de alguns minutos. O que era ha um instante

motivo para uma grande expansão d'alegria, torna-se, sem eu ter a consciencia do que se passa em mim mesma, a causa d'uma enorme tristeza ou d'um profundo tedio! Evito a companhia d'aquelles que me são mais queridos, e fecho-me horas e horas no meu quarto, onde passo a ler e a chorar. Calcula como deve andar inquieto e sobresaltado meu pobre pae! Não sei como heide tranquillisal-o, Thereza, porque nem eu mesma posso dizer o que tenho! Tem-me succedido estar ás vezes a conversarmos juntos, muito felizes e alegres ambos; e eu, de repente, tenho quasi de fugir, para ir chorar sósinha. Não sei se é um sentimento de pejo, se de vaidade, mas até de meu proprio pae occulto as minhas lagrimas!

A tia Dorothea não cessa de me perguntar se estou doente, porque estou aborrecida e triste, e quer á força que eu lhe explique esta mudança do meu espirito!... Ás vezes, confesso, todo aquelle carinho que sempre me captivou e ao

qual eu ha bem pouco respondia com beijos de gratidão, chega agora a irritar-me, e sei que corrodo com azedume e enfastiada aos cuidados da pobre tia. Tenho luctado immenso para que não venha medico a casa. Eu já sei como elle hade attribuir tudo isto a uma exaltação de nervos! Como se eu não tivesse a firme convicção de que este estado nervoso é apenas um symptoma de uma causa que desconheço!...

Ouçõ passos no corredor. Deve ser a tia Dorothea, que vem distrahir-me. Suspendo esta carta, e logo que ella saia, continuarei...

Acabo de passar os olhos pelas primeiras folhas d'esta carta. Como eu estava triste ha meia hora, e como agora me sinto feliz! Não posso dizer-te se foi a boa tia Dorothea que operou o milagre. Sinto-me outra, mais alegre, com as ideias mais claras, como se ellas estivessem vestidas de luto, e agora se vestissem de gala! Quero já desfazer o tom lugubre d'esta carta, con-

tando-te coisas ligeiras e risonhas. Para começar, dir-te-hei que ámanhã quer o papá dar um jantar a dois ou tres dos maiores influentes politicos cá da terra. São o que se chama em politica tres *trunfos*.

Além d'estes figurões, tenciona o papá convidar o visconde de S. Mauricio e a filha, que chegaram ha tres ou quatro dias de Vichy. Virá tambem o Bernardo de Sousa, que anda agora muito preocupado com as obras que traz n'uma quinta, que tem d'aqui algumas leguas.

Ainda te não disse que sempre fomos á tal romaria? O papá e a tia Dorothea foram n'uma victoria, e eu fui a cavallo ao lado do Bernardo. Não te digo nada! Só queria que tu visses com que garbo eu trotava pela estrada fóra! O meu vestido ficou muito bom. Quando vires a Aline, dá-lhe da minha parte os parabens.

Não posso estender hoje muito a minha epistola. Quero repartir pelo

meu pobre papá este momento em que se dissiparam as minhas estupidas e incomprehensíveis tristezas. Quando te escrever para outra vez, hei-de dizer-te muita coisa; mas... *chut!*

É verdade: disse-me o Bernardo de Sousa que o addido de Hespanha quer casar com a Francisca Tavares! Eu não sou demasiadamente curiosa; pouco me importo em geral com a vida dos outros; mas essa côrte da Tavares deve ter sido assumpto para uma defeza de theses, como fazem os lentes de Coimbra.

Adeus, minha joia.

Muitos beijos saudosos da tua

Helena.

Thereza.

Como tu mesma te enganavas!

O Bernardo não é differente do commum dos homens. Não lhe nego as qualidades, que, á primeira vista, o podem tornar um rapaz sympathico e talvez attrahente; mas, minha querida, chegado o momento fatal, os defeitos apparecem, e reduzem-no então ás proporções d'outro qualquer simples mortal. Eu vou contar-te o que se deu n'outro dia no ultimo passeio que fizemos, e dir-me-has se tenho razão. Antes d'isso preciso de te dizer que é assim que explico uma phrase que deixei incom-

pleta e um pouco vaga na ultima carta que te escrevi. Na manhã em que fui passeiar a cavallo, o Bernardo, quando voltamos para casa, aproximou-se mais de mim. Tinhamos deixado passar á frente a carruagem em que vinha a tia Dorothea e o papá, para darmos uma galopada. Quando seguíamos depois, a passo, n'uma grande parte do caminho que é todo coberto pela folhagem das grandes arvores, que ha d'um e outro lado da estrada, era-nos forçoso, ás vezes, dobrarmo-nos sobre o pescoço do cavallo, por causa dos ramos que nos chegavam á altura dos olhos. Foi n'uma d'essas occasiões que o Bernardo, ao dobrar-se, obrigou o cavallo a aproximar-se do meu, e me pediu baixo se eu lhe aceitava uma carta! Imagina tu como eu fiquei surprehendida, vendo o Bernardo commetter um d'estes actos communs a todos os namorados da provincia! Olhei muito serio para elle, para ver se era ou não brincadeira o pedido; e, quando elle o repe-

tiu, respondi-lhe redondamente que não, e desatei a rir. Como pódes calcular, seguiu-se o momento do silencio proprio d'estas situações; e foi necessario que eu mais tarde, para que não fossemos ali mudos como duas estatuas equestres, recommecasse a conversa sobre outro assumpto. Elle respondeu-me apenas com monosyllabos, e havia na sua voz um tom, que eu não posso dizer se era de furia, se de tristeza. Quando iamos a chegar a casa, tive dó do rapaz, e expliquei-lhe então a serio a minha recusa. Disse-lhe que achava dispensavel e talvez ridicula a troca de cartas, quando elle tinha toda a liberdade de vir á nossa casa, e me podia falar quando quizesse. Agradeceu, retirou-se amuado, e esteve dois dias sem vir á Ribeira! Vês tu o vulgar dos homens?!...

Foi preciso que eu mandasse um criado nosso e em meu nome saber se estava doente, e perguntar-lhe porque não apparecia. Voltou então n'essa noite,

conversou pouco comigo, e jogou o *whist*. Eu, de proposito, logo que principiou o jogo, fui collocar-me a um canto da sala, d'onde o podia observar á minha vontade; e toda a noite estive entretidissima a ver como elle, de vez em quando, levantava os olhos das cartas e os percorria pela sala á minha procura. N'essas occasiões eu dobrava-me logo sobre o bordado; e, quando acontecia por acaso que os nossos olhares se encontravam, era sempre o Bernardo que retirava carrancudo, para d'ahi a um momento continuar na mesma. O papá chegou a impacientar-se, e perguntou-lhe porque estava tão distrahido; e eu tive de morder os beiços para me não rir, quando elle explicou que andava um pouco preocupado com as obras que trazia na quinta.

Antes de partir, veio sentar-se algum tempo entre mim e a tia Dorothea, e perguntou á tia se conhecia a filha do visconde de S. Mauricio. A tia disse-lhe que a conhecia pouco, e então elle

fez-lhe os maiores elogios! Era uma rapariga elegante, formosa, cheia de qualidades, educada no *Sacré-Coeur* de Paris; não se podia ninguem aproximar d'ella, que não ficasse logo encantado... Emfim, esteve um quarto d'hora a fazer o panegyrico da santa. Eu, já imaginas, ia concordando; e, de cada vez que eu confirmava o que elle dizia, então é que os elogios augmentavam!... Não calculas o que foi divertido. Pobre rapaz! Achei sympathica a ingenuidade de me suppôr tão tola que o não percebesse; e, para castigo, parece-me que não foi pequeno o não me deixar tocar por nenhum d'aquelles golpes, que me queriam ferir.

Aqui para nós, tenho quasi a certeza que o Bernardo não póde gostar da Luiza; ou então está elle muito abaixo do conceito que fórmoo do seu character.

Tu conhecel-a bem. Lembras-te de quando esteve connosco um anno nas Salezias, que a todo o instante falava do dinheiro do papá, e do dinheiro

do avô e do dinheiro da avó? Pois creio que a toleima, longe de diminuir, refinou nos tres annos que esteve em Paris.

Disse-me a Carlota Pombal, que a encontrou este anno nas corridas de Belem, que se não faz idéa de como ella voltou! A sua preocupação é mostrar as *toilettes*, citar o nome das modistas, e, no fim, dizer o custo. Para cumulo de ridiculo, diz quasi tudo em francez. A Carlota caturrou com ella immenso tempo, e veiu contar-me depois. O que nós ambas rimos, quando a Carlota a imitava, dizendo como ella: «N'outro dia, eu descia com o papá o *trottoir* do Chiado, e encontrei á porta d'um *magasin*...»

O visconde que é um pobre homem, adora a filha, e acha bem tudo o que ella faz!

Elle quer offerecer-nos um jantar, creio que ainda esta semana. A mim seca-me immenso ter de lá ir; mas julgo que tenho que fazer esse sacrificio á politica do papá.

Sempre lá quero ver como o Bernardo se porta. Parece-me impossivel que um rapaz intelligente se deixe prender por uma tôla d'aquelle feitio. A Luiza é galante, deve ter vestidos bonitos e sobretudo caros; mas basta abrir a bocca para mostrar a sua futi-lidade. E d'ahi, quem sabe!

O Bernardo tem boa casa, não me parece ambicioso; mas o pae Mauricio dizem que tem uma fortuna superior a trezentos contos, e talvez que o brilho do oiro deslumbre a ponto de offuscar a pessoa da noiva!

Se tal acontece, Thereza, declaro-te que é mais uma desillusão que sinceramente me custa, não por mim, que não tenho despeito, nem me permitto ter a Luiza S. Mauricio para rival, mas pela falta de brio d'alguns rapazes, que a gente considera dignos da nossa estima.

Tem aqui feito um tempo delicioso. Sobretudo as manhãs e os fins da tarde são encantadores!

Não te repito isto para te dizer que venhas cá. Faço-te a justiça de acreditar que a minha presença vale para ti, minha querida Thereza, muito mais do que todas as seducções da natureza.

Mil beijos da tua

Helena.

Thereza

Obrigada pela tua carta, Thereza. Fizeste-me chorar as mais consoladoras lagrimas de gratidão. O que seria de mim, o que seria da tua pobre Helena, sem o affecto do teu coração generoso?! Ha dores tão tormentosas na nossa alma, e ás quaes succumbiriamos fatalmente, se não fosse o extraordinario alivio que nos vem de as repartir por aquelles que nos são mais caros. É-nos indispensavel ter no mundo alguém, que sinta e que adivinhe a nossa alegria e as nossas maguas. A propria felicidade só é completa, quando

d'ella participam todos aquelles que estremecemos; d'outro modo será como o thesouro do avarento, o qual, longe de lhe proporcionar a tranquillidade e a paz, é a causa incessante do seu tormento.

Já não posso deixar de te dizer tudo o que tenho soffrido. Tentei fazel-o nas minhas ultimas cartas, e não sei o que me forçava a occultar-te a verdade. Pensei por vezes se seria o orgulho da propria desgraça, que obriga os infelizes a sorrir tanto mais, quanto maior é a magua que os opprime!... Orgulho! Eu orgulhosa para ti, minha amiga! Hoje, posso affirmar-te que era outra a causa. Se estivesse junto de ti, não teria soffrido tanto, não; longe, quasi que chegava a córar de vergonha, quando me dispunha a escrever-te, com o receio infantil de confiar a uma carta o que nem ao mensageiro mais discreto e fiel se confia! Parece que até o nosso coração, Thereza, em certos momentos, obedece a um sentimento de pudôr.

Ja não posso ter hoje estes escrúpulos. O meu soffrimento é superior á minha razão. Quero que saibas tudo, Thereza, e que possas calcular os dias de amargura que tenho passado, quando tu imaginavas que esses dias eram talvez os mais risonhos da minha vida!

Tu já deves ter adivinhado o amor que eu sinto pelo Bernardo. É d'esse amor, que é a um tempo a minha felicidade e o meu martyrio, que unicamente vive o meu coração. Quantas luctas entre a minha razão e o meu sentimento, antes que eu de todo me deixasse possuir d'esse affecto, Thereza!

Afinal, vencida, entreguei todo o meu coração ao amor d'esse homem, que a minha innocencia revestira de todas as qualidades! Julguei que era verdade tudo quanto me dizia! Foi uma illusão apenas de alguns dias! Era um capricho da sua vaidade. Eu talvez tivesse offerecido uma resistencia maior á vehemencia dos seus protestos apaixonados; e assim o desejo de me sub-

jugar augmentava na proporção da minha indiferença! Que gloria de me vencer! Conseguiu-o finalmente, Thereza! Conseguiu-o; e, apenas me viu presa do seu amor fementido e traiçoeiro, teve o desdem cruel do conquistador, e sorriu-se da minha candura!

Eu sinto-me de tal modo ferida no meu orgulho e no meu coração, que não sei o que digo, Thereza! Escrevo-te cheia de febre. Ha duas noites que não consigo dormir; e se Deus não tiver a piedade de me deixar morrer, receio que este martyrio dê comigo doida.

Adeus, meu unico amor! Beijo-te cheia de lagrimas.

Helena.

Meu caro Jorge.

Tenho aqui cinco cartas tuas e o teu telegramma de hoje.

Vou responder-te em poucas linhas; e, quando tu comprehenderes bem o que se tem passado, desculparás o meu silencio, que te parece obstinado e grosseiro.

Se n'estas palavras ainda reconheces o teu amigo, o teu velho amigo, cheio de prudencia e de juiso, levanta as mãos e dá graças á Divina Providencia. Se n'ellas descobrires os prenuncios da loucura, então parte immediatamente e traze comtigo o doutor Cra-

veiro. Digo-te isto, meu caro amigo, porque me parece que estou n'um momento em que no meu cerebro ha ainda um lampejo de razão. Ha quinze dias que tenho vivido n'uma especie de continua allucinação!

O meu pobre criado olha para mim com uma tal expressão de pena e de terror, que me faz desconfiar de mim mesmo!

Estarei doido? Esta horrivel pergunta, que a mim faço muitas vezes, atormenta-me d'um modo cruciante!

E porque o não estarei?! É preciso ter uma grande coragem para resistir a tantas dôres. O suicidio em certos momentos, apparece-me como o unico resgate. Lembra-me uma phrase de Girardin, que é o argumento mais poderoso em seu favor. Diz elle: «*o suicidio é um bem, quando a existencia é um mal.*» Isto é que é a logica implacavel!

Depois da minha ultima carta, da qual nada me lembro já, como se a

minha vida d'estes ultimos quinze dias fosse de quinze seculos, tem-se travado no meu espirito e no meu coração uma lucta angustiosa!

Eu creio que n'essa tal carta ainda tu me vias risonho, alegre, cheio de esperanças e talvez com um pouco d'aquelle desdem proprio dos felizes! Falei-te de certo de Helena, mas falei-te brincando, com a mesma indifferença com que eu até agora tenho fallado das mulheres! Se tal aconteceu, Jorge, desculpa-me, — mas enganei-te. Ha mais de quinze dias que eu a amo. Affirmo-t'ó ao teu coração, e affirmo-t'ó francamente, sem o menor rebuço de acanhamento.

Para que te hei de illudir por mais tempo? Essa insistencia seria indigna de ti e de mim.

Hoje estimava até declaral-o bem alto e a toda a gente que amo essa mulher com toda a paixão de que é capaz o coração mais ardente, mais leal e mais brioso! Chego a ter vergo-

nha e remorso de ter feito a seu respeito um juizo differente do que me merece agora. E foi justamente o falso criterio, com que eu de proposito olhava para tudo, o que me collocou perante a minha consciencia como o mais indigno de todos os homens. Comprehendo hoje o tormento d'aquelle que, n'uma hora de embriaguez, desacata e apedreja a imagem veneravel d'uma santa! E ainda assim, para esse ha o arrependimento sincero a que a bondade divina concede o perdão. Mas para mim? Quem me diz que ella me perdôa? Quem me assegura que Helena comprehende tudo quanto eu tenho soffrido?

A convicção de que o meu procedimento lhe não merece piedade, tem-me posto no triste estado em que tu vês o meu espirito!

Sinto que estou a escrever-te á tôa, como as crianças que se aproximam das mães, a chorar, sem explicarem a causa das suas lagrimas! E eu queria

contar-te tudo, dizer-te detidamente o que se tem passado, para tu calculares e perceberes o meu desespero!

Não posso, hoje. Crê sómente, Jorge, que o teu amigo é o maior desgraçado d'este mundo!

Podesse eu offerecer o sacrificio da minha vida, offerecer a immensa dôr que n'este momento me tortura, para a felicidade de Helena! Era esta a unica consolação possível, Jorge.

Não posso escrever-te mais. Amanhã, se o meu espirito se acalmar, dir-te-hei tudo, tudo. . .

Teu

Bernardo.

Na caixa de Bernardo já não havia nenhuma carta. Na caixa de Helena restava apenas uma, que Thereza ia começar a lêr, quando o criado appareceu á porta da sala com a bandeja do chá.

Helena propoz que se suspendesse a leitura.

Em quanto o chá se servia em volta da meza, Jorge distrahidamente olhou em frente para o espelho. N'esse instante, o Amor de bronze que se levantava sobre o mostrador do relógio, aquelle encantador cherubim de cabellinhos doirados, teve um sorrisinho mais malicioso. Jorge reparou com mais insistencia; mas no fundo claro do espelho, que ficava sobre o fogão, uma figura appareceu de repente, e o seu

olhar encontrou-se um instante com os olhos de Thereza, que brilharam apenas n'uma passagem rapida!

Logo que o chá terminou, e o criado sahiu da sala, Helena preparou-se para lêr a ultima carta de Bernardo.

Jorge tornou a olhar para o espelho, e viu que o Amorsinho de bronze continuava a fital-o, sorrindo sempre, mais malicioso e mais encantador!

Meu caro Jorge.

Eu só queria poder metter dentro d'esta carta todo o carrilhão de Mafra, para te ir acordar com um repique de festa!

Vou casar, Jorge! Percebeste bem: vou casar! Dá a todos os nossos amigos um abraço e essa noticia; e aucto-riso-te a mostrar a minha carta a algum mais sceptico que te não acredite. Vou casar!

É tão extraordinaria a minha felicidade, que preciso de te repetir muitas vezes esta phrase: Vou casar!

Eu bem sei que isto é uma surpresa

que te faço, depois da ultima carta que te escrevi, lugubre e triste como um tumulo! Não tive coragem de te escrever no dia seguinte, como tinha promettido. Eu andava tão furioso, tão triste e sobretudo tão desvairado, que nem mesmo sei o que fazia!

Agora, já tu podes calcular as coisas que se teem passado aqui! Parece-me que morria de desespero, se não tomo uma resolução definitiva. Levantei-me ante-hontem com esta idéa fixa: ir pedir Helena em casamento.

E se me recusar? pensei eu. Para esta hypothese, carreguei um revolver e colloquei-o sobre uma commoda, para o ter á mão, logo que voltasse da Ribeira.

Quando entrei em casa do Meirelles, disse-me o criado que a Helena andava a passeiar na quinta com a tia Dorothea.

Fui logo procural-a; e, quando ia a entrar na rua das tilias, avistei ao fundo a boa tia Dorothea, sentada n'uma ca-

deira de vime, com as costas voltadas para mim. Caminhei lentamente, sentindo uma oppressão dolorosa que me abafava. Resolvi metter por uma pequena rua lateral que vae dar ao lago; mas, apenas entrei n'esta rua, percebi Helena a distancia. Vinha encantadora, Jorge! Trazia um vestido claro côm de creme guarnecido de rendas cruas. Um guardasolinho de seda, forrado d'escarlate, apoiado sobre o hombro, abrigava-lhe a cabeça, dando um grande realce á brancura da sua pelle.

Parece-me que empallideceu, quando deu com os olhos em mim! Quando eu, fazendo um esforço supremo, me dirigi para ella, e lhe apertei a mão, os seus olhos encheram-se de lagrimas. Pude apenas beijar-lhe a mão, que ella me abandonou fria e tremula, e pedir-lhe que me perdoasse. O seu rosto cobriu-se com um ligeiro rubor, e sorriu-se.

Ah! Jorge, tu não podes imaginar o que se passa no coração d'um homem,

n'estes momentos d'um prazer inefavel!
O mundo para mim resume-o aquella
santa do meu amor!

Trocamos algumas palavras mais, e
dirigimo-nos para perto da tia Dorothea,
que ficou pasmada de me vêr.

Estavamos todos tres a conversar,
quando o Meirelles chegou junto de
nós. O que elle me disse a respeito
da minha ausencia! Perguntei-lhe se
se lembrava da primeira vez que nos
encontramos na aldeia, e do que me
disse, que não admittia etiquetas.

— Perfeitamente. E a que vem isso?

— Vem que...

Olhei para Helena, e vi-a baixar os
olhos, e tremer.

Enchi-me de coragem, e terminei a
phrase. Pedi a Meirelles a mão da filha.

Elle abraçou-me a chorar!

— Vocês — dizia elle, enxugando os olhos
— preparam estas coisas á traição, e
depois atiram com ellas assim á queima
roupa.

A tia Dorothea tinha deixado cahir

o jornal que estava lendo, e ficou attonita durante alguns minutos.

— Em nome do Padre, do Filho — dizia ella, persignando-se espantada — e do Espirito Santo! Então, a tal filha do visconde de S. Mauricio tão linda, tão prendada! . . .

Helena sorriu-se, ouvindo a tia.

O padre-capellão appareceu ao fundo da rua com o breviario debaixo do braço.

O Meirelles chamou-o de longe.

Quando o padre chegou perto de nós, perguntou-lhe a tia Dorothea:

— Ó padre Joaquim! O padre Joaquim sabe casar?

— Se sei o quê, minha rica senhora?

— Se sabe casar dois noivos?

O padre não respondeu, olhando para todos nós com os olhos muito abertos. Ao vêr o sorriso alegre do Meirelles e da filha, abanou affirmativamente a cabeça, e exclamou:

— Já percebo, sr.^a D. Dorothea. Eu logo o futurei, da primeira vez que este senhor por cá veiu.

E abraçou-me.

Meu Jorge, prepara-te para vires abraçar o homem mais feliz que a luz do sol allumia.

E o que eu me ria do amor!...

Teu

Bernardo.

Quando Helena leu a ultima phrase, Jorge olhou para o relógio do espelho. O pequenino Amor sorria mais malicioso; e, como, de repente, principiassem a dar horas, aquelle mesmo som metallico, repetido onze vezes, parecia uma grande risada infantil!...

*
* *
*

O anno passado, recebi na provincia uma carta de Jorge, que dizia assim:
Se já acabaste o romance, que ten-

cionavas fazer com as cartas que a Helena escreveu á Thereza e que o Bernardo me escreveu a mim, podes accrescentar um capitulo, dizendo:

Tres mezes depois da leitura das cartas dos confidentes, Jorge pedia Thereza em casamento.

Termina o teu livro, e vem dar-me um abraço, para vêr se me segues o exemplo, solteirão relapso.

Teu

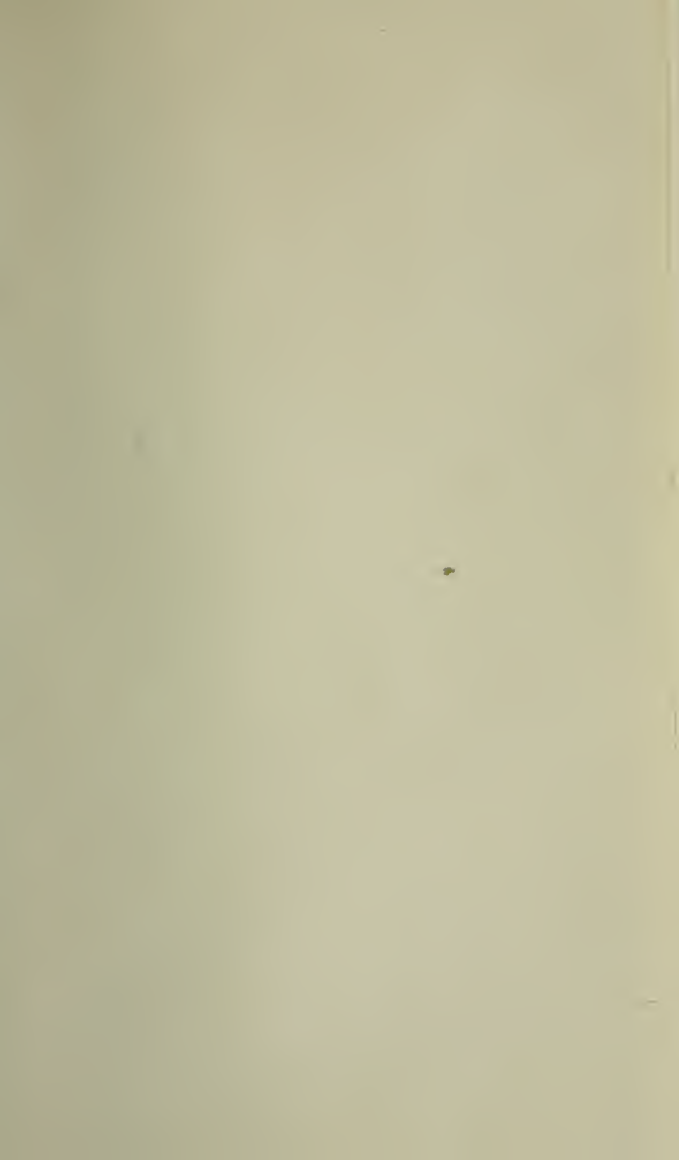
Jorge.

O auctor declara que ainda não seguiu o exemplo edificante dos seus amigos.

Lisboa, Abril, 1885.

OBRAS DO MESMO AUCTOR

| | |
|--|----------|
| <i>Contos da minha larra</i> — 1 vol..... | 500 reis |
| <i>Contos d'aldeia</i> , edição luxuosa, esgotada — 1 vol..... | 500 . |
| <i>Novos Contos</i> , • • • — 1 • | 500 . |
| <i>O Engitado</i> , (conto) — 1 vol..... | 200 . |
| <i>Amores á beira-mar</i> — 1 vol..... | 300 . |





PQ

Braga, Alberto

9261

Os confidentes

~~B65054~~

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 06 03 14 008 1